

VISÃO DO CORREIO

Juros altos e inclusão social

O Banco Central brasileiro terá o seu grande teste de independência nesta quarta-feira, quando definirá os rumos da taxa básica de juros (Selic), hoje em 13,75% ao ano. A 12 dias das eleições presidenciais, parte do mercado financeiro não descarta a possibilidade de o Comitê de Política Monetária (Copom) ser obrigado a elevar mais uma vez o custo do dinheiro, mesmo com o Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) registrando deflação há dois meses. Essa ala de especialistas acredita em aumento de 0,25 ponto percentual, para 14% anuais. A maioria, porém, fala em estabilidade, mas descarta cortes na Selic tão cedo. Há muitas incertezas no quadro macroeconômico, sobretudo a partir de 2023, com o novo governo. O Brasil aparece na lista dos países com as maiores taxas reais de juros do mundo, variando entre 6% e 8% ao ano quando descontada a inflação projetada para os próximos 12 meses. Foi a forma que o BC encontrou para tentar conter a escalada dos preços, agora amenizada por medidas pontuais tomadas pelo governo e pelo Congresso às vésperas de os brasileiros irem às urnas, como a redução de impostos sobre combustíveis e energia elétrica. A própria autoridade monetária vem dizendo, em discursos de seus diretores e por documentos oficiais, que o momento ainda é complicado, com dúvidas no horizonte, pois os estímulos dados pelo Planalto à economia produziram um crescimento acima do esperado, portanto, inflacionário. Para a atividade produtiva, juros mais altos significam consumo menor e fábricas ociosas. E esse cenário nada animador se reflete nas projeções de incremento do Produto Interno Bruto (PIB) no ano que vem, em média, de 0,5%. É nada para um país com as demandas sociais do Brasil. Os analistas dizem, porém, que esse é o preço a ser pago pelo des controle da inflação, que, em 12 meses, chegou a encostar em 12%. Melhor dar um freio da economia agora do que permitir que as remarcações desenfreadas dos preços

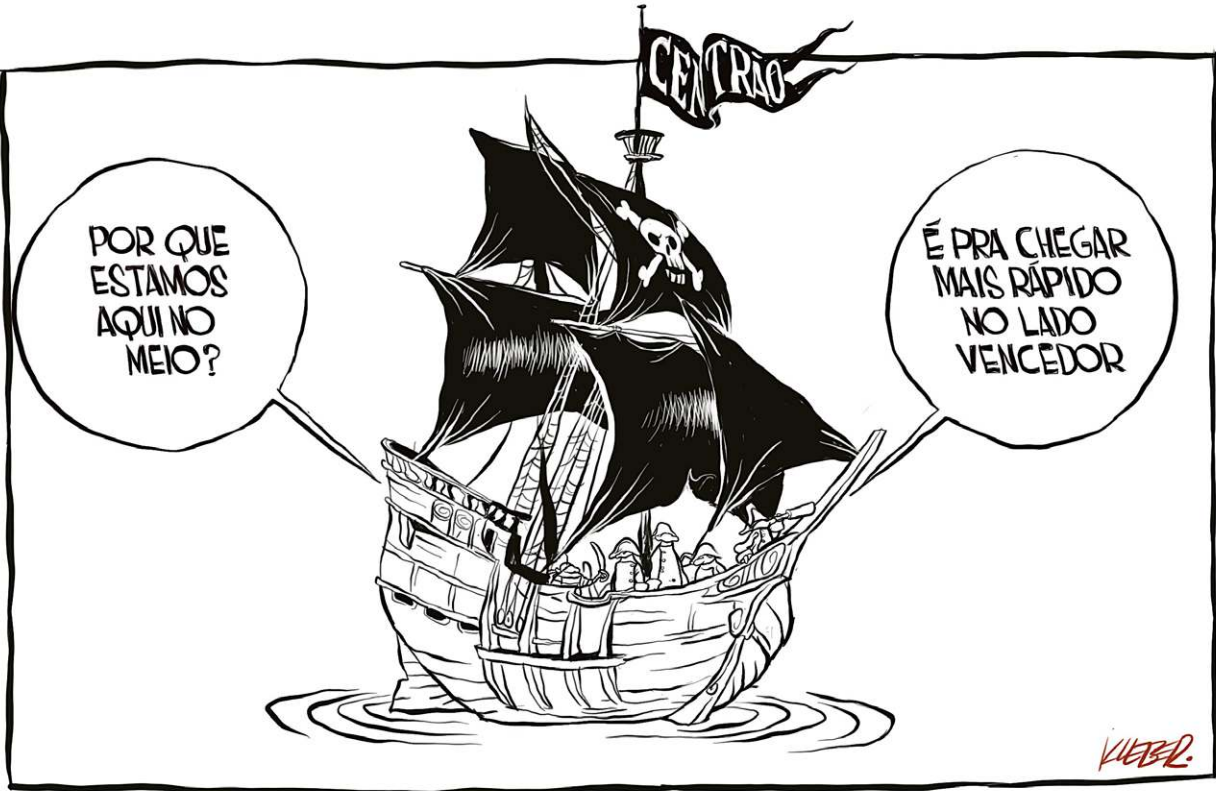
desestruem por completo a indústria e o comércio. O país, ressalte-se, tem um péssimo histórico em relação à carestia. Amanhã, também, será anunciada a decisão do Federal Reserve (Fed), o banco central dos Estados Unidos. A perspectiva de uma subida mais forte nos juros na maior economia do planeta provocou estragos na semana que passou. Somente no Brasil, as empresas negociadas em Bolsa de Valores perderam mais de R\$ 102 bilhões em valor de mercado. Trata-se de uma destruição de riqueza preocupante. A razão para isso é que os investidores preferem retirar parte do dinheiro aplicado em países emergentes, como o Brasil, onde as incertezas são grandes, e garantir a segurança dos títulos públicos norte-americanos. Os juros nos EUA devem aumentar 0,75 ponto, para um intervalo entre 2,25% e 2,50% ao ano. Assim como o Brasil, os Estados Unidos sofrem com a inflação alta. A diferença é que há uma confiança maior entre os investidores de que o custo de vida cairá mais rápido na principal locomotiva do mundo do que no país cuja economia é comandada por Paulo Guedes. Sendo assim, é melhor manter os recursos por lá do que no mercado brasileiro. Trocando em miúdos, o Brasil precisa fazer um esforço redobrado para assegurar sua credibilidade. E isso implica juros sempre maiores do que na maior parte do planeta. Confiança, sabe-se, não se constrói da noite para o dia. Que o próximo governo seja capaz de oferecer a previsibilidade que os donos do dinheiro exigem. O Brasil tem tudo para decolar, como se pode comprovar em um passado recente. Contudo, é necessário que as autoridades, independentemente da ideologia, estejam comprometidas com políticas econômicas consistentes, que, ao mesmo tempo, garantam o equilíbrio das contas públicas, mas permitam investimentos em infraestrutura e ações que reduzam o enorme fosso que separa ricos e pobres. Inclusão social é essencial.

IRLAM ROCHA LIMA
irlam.rochabsb@gmail.com

Ressignificação da MPB

Na música popular brasileira há marcos, representados por movimentos que contribuíram para que essa manifestação artística se tornasse tão rica, diversificada e fundamental para a cultura do país. O samba e o choro, de Pixinguinha, Noel Rosa, Ary Barroso, Cartola e Paulinho da Viola — em diferentes épocas — deixaram claro o quanto somos fortes e relevantes musicalmente. A era de ouro do rádio, protagonizada por cantores e cantoras como Orlando Silva, Cauby Peixoto, Jorge Goulart, Nelson Gonçalves, Nora Ney, Dalva de Oliveira e Ângela Maria, entre os anos 1940 e 1950, foi de grande importância. Sob a liderança de Tom Jobim, Vinícius de Moraes e João Gilberto, a Bossa Nova trouxe modernidade e sofisticação à MPB. Logo depois, sob a influência dos Beatles, ocorreu o iê iê iê, com Roberto Carlos, Erasmo Carlos e Wanderléa no comando da Jovem Guarda. Posteriormente, tendo os festivais e a fusão de ritmos nacionais e internacionais como base, surgiram a Tropicália, idealizada por Caetano Veloso e Gilberto Gil, e o Clube da Esquina, criação de Milton Nascimento e jovens músicos mineiros. Ambos trouxeram evolução melódica e harmônica à nossa música. Raul Seixas, Rita Lee, Renato Russo, Cazuza e Arnaldo Antunes, entre outros, em diferentes momentos, mostraram que os brasileiros também sabem fazer rock de qualidade. Pois bem, quem estiver a fim de saber um pouco mais sobre esse assunto, que deserta tanto interesse, sugiro a leitura de um

livro que, mesmo focalizando apenas o que foi composto, cantado e tocado em um ano, deixa claro como é opulenta e variada a arte mais apreciada pelos brasileiros. Trata-se do 1979 — *O ano que resignificou a MPB*. Organizada pelo jornalista Célio Albuquerque, a obra reúne 100 artigos nos quais os autores — em forma de prosa, resenha, reportagem ou entrevistas —, buscam, ao resgatar memórias, tendo como referências álbuns lançados naquele ano, mostrar o quanto 1979 foi atípico. Produzido a partir de um bem-sucedido financiamento coletivo, o lançamento é da editora Garota FM Books. Na extensa relação de histórias contadas sobre 100 discos, destaco as de *Frutificar* — A Cor do Som (Ricardi Pugialli), *Ângela & Timóteo* — Ângela Maria e Aguinaldo Timóteo (Zeca Azevedo), *Chorando Baixinho* — Arthur Moreira Lima, Abel Ferreira e Época de Ouro (Ruy Godinho), *Ângela Ro Ro* — Ângela Ro (Crikka Amorim), *Beth Carvalho no Pagode* (Ana Lu Germano), *Sol de Primavera* — Beto Guedes (Daniella Zupo). Mais algumas: *Cartola 70 Anos* — Cartola (Denilson Monteiro); *Na Quadrada das Águas Perdidas* — Elomar (Luiz Américo Lisboa Júnior); *Senhora da Terra* — Elza Soares (Luiz Américo Lisboa Júnior); *Cinema Transcendental* — Caetano Veloso (Walterson Sardenberg Sobrinho); *Lá vem o Brasil descendo a ladeira* — Moraes Moreira (Fred Góes); *Miúcha e Tom Jobim* — Miúcha e Tom Jobim (Hugo Sukman); *Por quem os sinos doam* — Raul Seixas (Fabian Chacur). A quem adquirir o livro, desejo boa e proveitosa leitura.



Sr. Redator

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato. » E-mail: sredit@daabr.com.br

A dívida de Lula

“Vamos ter de engolir o sapo barbudo.” A frase dita por Leonel Brizola, na eleição de 1989, em que Lula disputou com Collor, me foi lembrada por um amigo bri-zolista. Nestas eleições, no segundo turno, talvez isso venha a se repetir. Mas se Lula ganhar, será mais do mesmo? Que governo fará, com o país dividido por esse ódio que mescla ideologia radical, religião e muita gente armada sem experiência política? Lula terá de se reinventar para governar e tirar o país do marasmo. Seria melhor para Lula e para o país, que ele assumisse alguns compromissos antes das eleições, como fez em 2002, com a Carta do Povo Brasileiro, que lhe deu a vitória e lhe garantiu governabilidade. Sugiro alguns pontos para Lula assumir e se comprometer com a nação: 1. Reconhecer, como já admitiu, que houve desvios de recursos nos governos do PT, mas que não admitirá que isso se repita; 2. Deixar claro que vai fazer um governo de união nacional, sem distinção de ideologia, partidos, religião ou classe social; 3. Garantir que vai valorizar o mérito e a competência na nomeação de pessoas para cargos da administração direta e indireta da área federal, sem repetir o erro de escolher a “companheirada”; 4. Explicitar sua política econômica para recuperar as finanças, melhorar a situação das pessoas mais carentes e voltar o Brasil nos trilhos do crescimento, depois da ganância e do des governo atual. Não basta dizer que “já fez e fará melhor”. O país era outro e a situação era confortável, a ponto do país sair ileso da crise financeira de 2008, que derrubou o mundo inteiro. Isso porque os bancos tinham sido saneados, em 1995, por FHC, com o Proer. Essas ponderações poderão ajudar Lula a governar bem e até deixar o governo como estadista que teria pacificado, unido e dado novo rumo ao país. Será que ele terá grandeza para fazer isso? Se for eleito, eu rezarei que sim, pois o Brasil merece ter paz, retomar o crescimento e deixar de ser “o país do futuro”, sem futuro.

» Ricardo Pires, Asa Sul

TV no Brasil

Em 18 de setembro de 1950, há 72 anos, nascia a TV no Brasil. Parabéns aos repórteres, cinegrafistas, apresentadores, editores, produtores, sonoplastas e todos os mais que fazem TV Brasileira, em especial a de Brasília, acontecer! Viva a televisão brasileira!

» José Ribamar P. Filho, Asa Norte

Desabafos

» Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

Nasa encontra rochas em Marte com alta presença de moléculas orgânicas. Bioassinatura de que já abrigou vida?

José Matias-Pereira — Lago Sul

Quanto mais Lula avança na preferência do eleitorado, mais o preço dos combustíveis cai. Até 2 de outubro, o abastecimento será gratuito.

Joaquim Honório — Asa Sul

Distância: como é bom, ver o Bolsonaro bem “Londres”.

Vital Ramos de V. Júnior — Jardim Botânico

sustentado. Reza a Constituição Federal de 1988, em seu artigo 205: “A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. As famílias consideram a educação como um investimento e, mais do que nunca, desejam que esse aporte de recursos e tempo renda dividendos futuros, principalmente um lugar ao sol no mercado de trabalho. Há um preconceito histórico acerca do ensino de educação financeira para crianças e jovens, como se o dinheiro fosse um artefato pecaminoso. A desvirtude é justamente a pessoa crescer sem o correto manuseio do dinheiro, sem saber poupar e/ou investir. Acontece que a linha é tênue entre a ambição e a ganância. Já alertava Paulinho da Viola, na música *Pecado Capital* (1975): “Dinheiro na mão é vendaval/Dinheiro na mão é solução/E solidão!”. Ao gosto do capitalismo, a globalização nada mais é do que a redução do mundo a um mercado, onde investem os donos do capital e no qual a condição de cidadão importa menos que a de consumidor. Tudo se transforma em mercadoria. O valor de troca de um produto adquire mais importância que seu valor de uso. Ao neoliberalismo, interessam a supremacia do mercado e a redução do Estado a mero operador de interesses corporativos privados. A democracia, entendida como participação popular, não pode ficar nas mãos da tirania do mercado.

» Marcos Fabrício Lopes da Silva, Asa Norte

CORREIO BRAZILIENSE

“Na quarta parte nova os campos ara E se mais mundo houvera, lá chegara” Camões, e VII e 14

ÁLVARO TEIXEIRA DA COSTA Diretor Presidente		GUILHERME AUGUSTO MACHADO Vice-Presidente executivo	
Ana Dubeux Diretora de Redação	Paulo Cesar Marques Diretor de Comercialização e Marketing	Leonardo Guilherme Lourenço Moisés Diretor Financeiro	
Plácido Fernandes Vieira Editor executivo			
CORPORATIVO Josemar Gimenez Vice-presidente de Negócios Corporativos			

S.A. CORREIO BRAZILIENSE – Administração, Redação e Oficinas Edifício Edilson Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1102 - Redação: (61) 3214.1100; Fax: (61) 3214.1155 - Comercial: (61) 3214.1526, 3214.1211; Fax: (61) 3214.1205 - Sucursal São Paulo: End.: Alameda Joaquim Eugênio de Lima, nº 732, 7º andar - Jardim Paulista - CEP: 01403-000 - São Paulo/ SP Tel: (11) 3372-0022; E-mail: associadosp@uaigiga.com.br. Sucursal Rio de Janeiro: End.: Rua Fonseca Teles, nº 114 a 120, Bloco 2, 1º andar - São Cristóvão - CEP: 20940-200 - Rio de Janeiro/ RJ, Tel: (21) 2263-1945; E-mail: sucursalf@uaigiga.com.br. REPRESENTANTES EXCLUSIVOS: Minas Gerais e Espírito Santo — Mídia Brasil, Rua Tenente Brito Melo, 1223, sala 602 - Barro Preto - CEP: 30.180-070 - Belo Horizonte/ MG; Tel.: (31) 3048-2310; E-mail: comercial@midiaabril.comunicacao.com.br. Região Sul - HRM Representações Publicitárias, Rua Saldanha Marinho, 33 sala 508 - Menino Deus - CEP: 90.160-240 - Porto Alegre/ RS; Tel.: (51) 3231-6287; E-mail: hrmmultimidia.com.br. Regiões Nordeste e Centro Oeste - Goiânia: Êxito Representações — Rua Leonardo da Vinci, Quadra 24, Lote 1, C-2, Jardim Planalto — CEP: 74333-140, Goiânia-GO — Telefones: 62 3085-4770 e 62 3914-6119. Brasília: Sá Publicidade e Representações, SCS Qda 02 Bl. D - 15º andar - Ed. Oscar Niemeyer - salas 1502/3 - CEP: 70.316-900 - Brasília/ DF; (61) 3201-0071/0072; E-mail: thiago@sapublicidade.com.br. Região Norte - Meio e Mídia, SRTVS Qda 701, Bl. K - Ed Embassy Tower, salas 701/2 - CEP: 73.340-000 - Brasília/ DF; Tel.: (61) 3964-0963; E-mail: atendimento@meioemidia.com.

Endereço na Internet: <http://www.correioweb.com.br>
Os serviços noticiais e fotográficos são fornecidos pela Reuters, APF, Agência Notícias Intercontinental, Agência Estado, Agência O Globo, Agência A Tarde, Agência Folha, Agência O Dia e DA Press, Tel: (61) 3214-1131.

COMO ENTRAR EM CONTATO COM O CORREIO
Assinante/leitor/ classificados: 3342-1000

VENDA AVULSA			ASSINATURAS *	
Localidade	SEG/SÁB	DOM	SEG a DOM	
			R\$ 837,27	
DF/GO	R\$ 3,00	R\$ 5,00	360 EDIÇÕES	
			(promocional)	
* Preços válidos para o Distrito Federal e entorno. Consulte a Central de Relacionamento (3342-1000) para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empenho terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.				
DA Press Multimídia Atendimento pessoalmente para pesquisa em jornais e cópias: SIG Quadra 2, nº 340, bloco I, Subsolo - CEP: 70610-901 - Brasília - DF de segunda a sexta, das 9h às 18h. Atendimento para venda de conteúdo: Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h/ sábados, das 14h às 21h/ domingos e feriados, das 15h às 22h. Telefones: (61) 3214.1575 / 1562 / 1568 / 0800-647-7377. Fax: (61) 3214.1595. E-mail: diapress@daabr.com.br Site: www.dapress.com.br				
			DIÁRIOS ASSOCIADOS 	
				
			Agenciamento de Publicidade	